

HORA DE FATURAR COM BISCOITO

O biscoito de polvilho de Maria José rompeu os limites da cozinha e virou artigo apreciado em Planaltina e no Plano Piloto. Ganhou sabores variados — como queijo e pimenta — e garantiu o aumento da renda familiar. Quase dois anos depois de descobrir o valor de uma receita que aprendeu ainda criança, a dona de casa comemora a compra de um telefone celular rural e de um carro. E conquista a segurança necessária para continuar morando no campo.

Maria José Ramalho de Oliveira, 34 anos, colhe os bons resultados de uma experiência que tem sido apontada como uma das alternativas de se aumentar a renda do produtor rural e melhorar a qualidade de vida de quem mora na roça: a agroindústria.

Sem sair de sua propriedade, o produtor prepara biscoitos, pães, doces, geléias, temperos, embutidos, derivados do leite. A matéria-prima está logo ali, no quintal. Transformando o leite e as frutas em guloseimas, o agricultor multiplica o valor de seu produto e amortiza os altos custos da lavoura e da criação animal. É o que se chama de verticalização da produção.

Para se ter uma idéia, os grandes laticínios pagam em média R\$ 0,22 pelo litro do leite. Se vender diretamente para quem consome, o agricultor consegue no máximo R\$ 0,70. Com essa mesma quantidade de leite, Maria José faz dois quilos e meio de biscoito de polvilho. Cada quilo de sua receita lhe garante R\$ 8. "Faço de 15 a 20 quilos por dia e já cheguei a conseguir até R\$ 2 mil por mês. Mas a média é de R\$ 1,2 mil, dinheiro que divido com uma sócia responsável pela venda do produto".

A receita de Maria José vira biscoito numa casinha pré-moldada de 32 metros quadrados, que fica dentro de sua propriedade de dois hectares em Planaltina. A construção, bem como o financiamento de R\$ 6 mil que viabilizou seu negócio doméstico, fazem parte do Programa de Verticalização para Pequena Produção Agrícola do Distrito Federal (Prove), um projeto que já conta com a adesão de 76 pequenos produtores rurais e está servindo de exemplo nos estados do Mato Grosso e Santa Catarina.

VACAS MAGRAS

"O programa, destinado aos agricultores excluídos, aumentou a renda per capita dos produtores que participam. De R\$ 50, passou para R\$ 200 mensais", comemora o secretário de Agricultura, João

Luiz Homem de Carvalho.

Além de aumentar o dinheiro que circula no meio rural, as agroindústrias colocaram as mulheres do campo em posição de destaque na economia doméstica. Acostumadas a auxiliar os maridos na lavoura ou a cuidar dos filhos, muitas delas passaram a contribuir com a renda ou até mesmo a garantir a estabilidade financeira da família.

"Eu achava que meu destino era cuidar dos filhos. Nunca achei que poderia fazer alguma coisa por mim", afirma Maria José. Antes de montar sua agroindústria, ela sequer sabia quanto ganhava o marido, que tira o sustento da família da compra e venda de gado. Hoje, Maria José não depende mais do marido e, nos tempos de *vacas magras*, ainda contribui com algum dinheiro.

Em outra experiência bem sucedida de agroindústria, os doces cristalizados de Maria Aparecida Barbosa da Silva, 31 anos, fizeram com que o marido dela transformasse a área ociosa da chácara em uma plantação de abacaxis e mamão.

"Com as hortaliças, dava para ir vivendo, mas a gente não tinha possibilidade de crescimento", conta o marido da doceira, Ozílio Evangelista da Silva, 38 anos, que ainda não conseguiu ter lucro, mas apostou na pequena fábrica como única forma de melhorar a qualidade da

vida que leva no campo, ainda que a longo prazo.

Há menos de dois anos, o casal conseguiu um empréstimo de R\$ 10,4 mil pelo Prove e desde então passou a priorizar a confecção dos doces. São 14 horas diárias de trabalho dentro da agroindústria montada ao lado da casa onde o casal mora com os filhos.

O resultado final de tanto trabalho recebe o nome de Produtos Fartura. "Batizei assim porque a natureza é farta. Nela, a gente aproveita tudo", conta Aparecida. E é verdade. Com a calda que sobra dos doces e a casca do abacaxi, ela faz licor. O retalho das frutas, Aparecida vende para fabricantes de pão e ainda garante mais R\$ 50 mensais.

GOIABADA CASCÃO

Mas o maior ganho, garante a doceira, não é financeiro. "As pessoas me tratavam com preconceito só porque morava na roça. Eu era vista como uma pessoa ingênuo e não merecia a confiança das pessoas. Agora, mostrei os que sou capaz", revela Aparecida.



Maria José produz até 20 quilos de biscoitos caseiros por dia e já chegou a ganhar R\$ 2 mil em um único mês

A fórmula de sobrevivência no campo que vem conquistando a simpatia de produtores rurais já é bem conhecida de Neuza Aparecida Corrêa, 52 anos, que mora em uma chácara em Brazlândia. Nos últimos 14 anos, foi a goiabada cascão e a bananada que produziu nos fundos de casa que ajudaram no sustento da família.

"Fui uma das primeiras a montar uma agroindústria em Brasília, mas desde a chegada do Real que eu não

saio do vermelho", conta Nilza, que a exemplo dos médio e grande produtores sente os efeitos da transição econômica do país.

Com os custos da produção cada vez mais altos e sem ter conseguido um financiamento a juros baixos, a doceira é hoje refém do cheque especial. Só de juros, no mês passado, pagou cerca de R\$ 360.

"O banco não empresta dinheiro a juros baixos por falta de garantias, mas dá um limite de R\$ 5 mil num

cheque especial que cobra 10% de juros ao mês", reclama o marido de Nilza, Moacyr Corrêa, 67 anos. Moacyr e Nilza não se enquadram nas exigências do Prove, por isso não tiveram acesso aos financiamentos previstos no programa.

SERVIÇO

Você encontra os produtos do Prove na loja Quiosque do Produtor, no Brasília Shopping, ou nos supermercados SAB, 404/4055 Norte ou 406/407 Sul